

**INTERSECCIONALIDADE E FORMAÇÃO PROFISSIONAL: UM OLHAR
SOBRE A DISCUSSÃO DE RAÇA E GÊNERO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO
EM SAÚDE A PARTIR DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOCENTES.**

**SIMPÓSIO TEMÁTICO – 7
GÊNERO, SEXUALIDADE E RELAÇÕES ÉTNICO – RACIAIS**

Francisca Janiele Felipe Feitosa¹
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - Unileão
janiele@leaosampaio.edu.br
Francisco Francinete Leite Junior²
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – Unileão
Francinetejunior@leaosampaio.edu.br

Resumo

O referido resumo advém dos estudos realizados para a elaboração da dissertação do mestrado profissional em ensino em saúde, que possui como tema “Raça e gênero em interseccionalidade na curricularização da extensão: experiências nos cursos de saúde em instituição de ensino superior no interior do ceará”. Desta forma, será abordado a discussão da perspectiva interseccional entre raça e gênero no âmbito da formação profissional em saúde, por isso propõe o seguinte questionamento: as práticas pedagógicas e a formação profissional relativas ao ensino superior possibilitam a realização desse debate? A partir dessa problemática estruturou-se o seguinte objetivo: entender se as práticas pedagógicas possibilitam o debate interseccional entre raça e gênero no âmbito da formação profissional em saúde. Referencial teórico: ao longo do tempo a educação superior tem apresentado mudanças significativas em seu processo de ensino-aprendizagem. O ensino tradicional, centrado no conhecimento cognitivo e na figura do professor, tem dado lugar a uma nova perspectiva, na qual a aprendizagem por competências é valorizado e o estudante passa a ser protagonista desse processo. No entanto, Alcantara et al (2017) afirmam que essa tendência ainda enfrenta desafios e barreiras, e os cursos da área da saúde também são afetados por esse processo. Visto que, o ensino superior na área da saúde ainda tem sido perpassado pelo modelo biomédico, centrado na doença, no diagnóstico clínico e na remissão do sintoma como alvo principal. O entendimento do indivíduo como um ser social e a construção de um conceito ampliado de

¹ Aluna do Programa de Mestrado Profissional em Ensino em Saúde do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - Unileão.

² Professor do Departamento de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – Unileão. Professor do Programa de Mestrado Profissional em Ensino em Saúde da Unileão.

saúde, no qual as Ciências Sociais e humanas assumem um papel fundamental na análise dos processos saúde e doença, por vezes são negligenciados na formação de profissionais da saúde. Porém, Almeida (2021) afirma que mudança para uma visão biopsicossocial tem sido lenta, mas esse caminho mostra-se possível e necessário. Bell Hooks (2013) enquanto educadora afirmava que a sala de aula continua sendo um espaço que oferece as possibilidades mais radicais na academia. Mas defendeu também que há anos é um lugar onde a educação é solapada tanto pelos professores quanto pelos alunos, que buscam todos usá-la como plataforma para os seus interesses oportunistas em vez de fazer dela um lugar de aprendizado. Usou a referida reflexão para realizar um apelo coletivo pela renovação e pelo rejuvenescimento das práticas de ensino. Desse modo, como reforça Meneguel (2019) cabe às universidades: enfrentar violações de direitos humanos de gênero, raça, etnicidade, classe social ou de quaisquer outros tipos de discriminação; e que a universidade siga representando o lugar da produção de conhecimento e da defesa dos valores éticos, democráticos e igualitários, disposta a lutar contra as hierarquias patriarcais, racistas e classistas. Pensar a reorientação do eixo pedagógico Extensão-Pesquisa-Ensino, mais do que a mera transgressão da ordem das dimensões acadêmicas, representa a redefinição do modelo de universidade. É uma proposta educacional que propõe a superação do ensino instrumental, utilitário e reprodutivo centrado no professor e limitado, fundamentando-se em aprendizagens crítico-reflexivas, sob protagonismo discente em contextos reais. As concepções que fundamentam o presente estudo, portanto, se faz frente os sinalizadores de um fazer pedagógico ancorado em correntes teóricas sustentadas pela aprendizagem a partir de experiências sociais, pela indissociabilidade das dimensões acadêmicas e por práticas educativas emancipatórias e transformadoras que considerem marcadores sociais de diferença interssescionalizados que ora estão presentes e ainda invisíveis nas universidades, ora estão excluídos do universo acadêmico, (Imperatore, 2017). A desigualdade no acesso à educação por grupos sociais minoritários é um tema que ocupa a agenda dos estudiosos da educação brasileira há décadas. Muitas discussões têm sido realizadas no intuito de buscar explicar a contribuição do sistema de ensino para a construção das desigualdades presentes na sociedade, visto que a educação é amplamente reconhecida como a principal dimensão para acesso às distintas oportunidades nas sociedades democráticas, participando na determinação dos rendimentos do trabalho, do status da ocupação e da mobilidade social. No Brasil, o acesso aos níveis educacionais mais elevados, mais especificamente ao ensino superior, representa um mecanismo importante de manutenção das desigualdades sociais em suas várias dimensões, IBGE (2022). Pensar o desenvolvimento de práticas pedagógicas emancipatórias é urgente, neste sentido, Arroyo (2013) destaca que outros

são os sujeitos e outras são pedagogias, propondo práticas transformadoras e de caráter emancipatórios, que considerem os “novos” coletivos sociais – negros, índios, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBTTT), mulheres, quilombolas, trabalhadores empobrecidos, desempregados, refugiados, migrantes, entre outros – que ora estão presentes e ainda invisíveis nas universidades, ora estão excluídos do universo acadêmico. O autor também apresenta um questionamento bastante interessante: “se estes são os novos sujeitos, quais são as novas pedagogias?” Segundo Carbonell (2016) são pedagogias emancipatórias, críticas, inclusivas, cooperativas, sistêmicas e sustentáveis, aderentes aos desafios do Século 21, em diálogo com esse pensamento Bell Hooks (2013) nos diz que as universidades têm de começar a reconhecer que a educação de um aluno não se resume ao tempo na sala de aula, mas existe todo um campus e toda uma comunidade, fora do campus, à qual pertencem, havendo por isso muitas maneiras pela quais se pode estabelecer uma comunidade de aprendizado. De acordo com (Oliveira; Ferrari, 2018) a sala de aula não é o lugar do senso comum, ela tem responsabilidade com o rompimento deste senso comum a partir de outras formas de saber e conhecer. Problemática é, para Michel Foucault (2006), uma metodologia de investigação, é dar um passo atrás e transformar em “problema de investigação” o que comumente não chama mais atenção. Investigar diz dessa necessidade de problematizar o presente, ou seja, a partir dos campos de saber, questionar o que se vive no presente. Problematicar é por tanto, “colocar o que pensamos e fazemos em meio a história do pensamento” (Oliveira; Ferrari, 2018, p. 23). Metodologia: Trata-se de um estudo teórico, descritivo, de caráter exploratório e abordagem qualitativa. Conclusão: Com base no que foi apresentado pode-se dizer que vivências isoladas ou desarticuladas, não garantem o desenvolvimento de uma postura mais empática ou problematizadora dos acadêmicos, por isso aponta-se como possibilidades o intesimento em formação docente e associado a outras experiências e teorizações no decorrer da graduação. Acredita-se que essas intervenções podem promover o desenvolvimento de novos olhares, que corpos privilegiados possam refletir sobre as desigualdades estruturadas na sociedade, para que corpos silenciados e excluídos deixem de ser objeto de estudos e passem a protagonizar outras esferas da sociedade. E que a partir da reformulação das práticas pedagógicas, os estudantes possam compreender que os profissionais de saúde são atores fundamentais na luta pelo combate às mais diversas formas de exclusão e pela construção de uma sociedade mais justa e comprometida uma sociedade plural.

PALAVRAS-CHAVE: ensino superior – interseccionalidade – práticas profissionais

REFERÊNCIAS

Alcantara A, Pereira E, Sá LHC. **Ensinando & aprendendo: os fundamentos da docência no ensino superior**. Fortaleza: Universidade de Fortaleza; 2017.

ARROYO, M. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

FOUCAULT, M. **Ética, Sexualidade, Política. Ditos & Escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GONÇALVES, N. G.; VIEIRA, C. S.; ANTUNES, P. S. Extensão na Universidade Federal do Paraná: constituição histórica. **Extensão em Foco**, Curitiba, PR, n. 10, p. 3-49, jan./jun. 2014.

GONZALEZ, L. A propósito de Lacan. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano**. São Paulo: Zahar, 2020.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 26, n. 1, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/LhNLNH6YJB5HVJ6vnGpLgHz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 fev. 2024.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2013.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNAD Contínua 2016: 51% da população com 25 anos ou mais do Brasil possuíam no máximo o ensino fundamental completo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-denoticias/releases/18992-pnad-continua-2016-51-da-populacao-com-25-anos-ou-mais-dobrasil-possuiam-no-maximo-o-ensino-fundamental-completo>

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Informativo IBGE sobre Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf

IMPERATORE, S. L. B. **Tríade extensão-pesquisa-ensino: expressão e fundamento de uma universidade transformadora**. 2017. Tese (Doutorado em Diversidade Cultural e

Inclusão Social) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo - RS, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.feevale.br/Vinculo2/000028/00002859.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2024.

IMPERATORE, S. L. B. **Curricularização da Extensão: experiência da articulação extensão-pesquisa-ensino-extensão como potencializadora da produção e aplicação de conhecimentos em contextos reais**. Rio de Janeiro: Gramma, 2019.

LEITE JUNIOR, F. F. **Travestilidades e envelhecimentos: cartografando modos de vida na transcontemporaneidade**. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza - CE, 2015. Disponível em: file:///C:/Users/lunara.UNILEAO/Downloads/1_0.pdf. Acesso em: 07 mar. 2024.

LIMA, F. Formação docente antirracista, pluriepistêmica, descolonizadora de saberes, interseccional é possível? **Revista Teias**, v. 23, n. 71, out./dez., 2022. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/tei/v23n71/1982-0305-teias-23-71-0069.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2024.

LIMA, M. E.; VALA, J. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. In: TURRA, C.; VENTURI, G. Racismo cordial: a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil. **Estudos de Psicologia**, p. 40 - 411, 2004.

MACEDO, R. S. A. **Currículo, diversidade e equidade: luzes para uma educação intercultural**. Salvador: EDUFBA, 2007.

MACIEL, A. S. **O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: um balanço do período 1988-2008**. 2010. 195 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP, 2010.

MENEGHEL S.N. **Será a universidade imune às discriminações sociais?** Interface (Botucatu). 2019; 23:e190577.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Programa de Educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Niterói – RJ: EDUFF, 2004.

NUNES, C. Narrativas de mulheres negras: cultura de base africana e educação no cariri cearense. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 06, n. 19, p. 1070-1083, set./dez., 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/10575/9268>. Acesso em: 2 fev. 2024.

OLIVEIRA, D. A.; FERRARI, A. **Interseccionalidade, gênero, sexualidade e raça: os**

desafios e as potencialidades na invenção de outros currículos. Revista Diversidade e Educação, v. 6, n. 1, Jan.-Jun., p. 21-29, 2018. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/8234/7166>. Acesso em: 27 fev. 2024.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG. 2010.